

MUSEU HISTÓRICO DO CRATO COMO RECURSO DIDÁTICO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.

Ligia Teotônio da Costa¹

Juliana Monteiro Gabriel²

Roberta de Sousa Silva³

Antônio Cláudio França Lima⁴

Orientadora: Mônica Emanuela Nunes Maia⁵

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar o Museu com recurso didático para o ensino de história na educação básica. O estudo parte dos desafios e possibilidades de um ensino de história para alunos do ensino básico da cidade de Crato e circunvizinhas, para tanto levaremos em consideração o referencial de Jacques Le Goff, Pierre Nora, Ivo Mattozzi, Francisco Régis Lopes Ramos e José Ricardo Oriá Fernandes, para compreendermos o espaço pesquisado e termos uma noção de como trabalhar este espaço em sala de aula, para promovermos um ensino adequado para os educandos. A metodologia para a elaboração do artigo foi observações no Museu, dos alunos visitantes, nos fazendo perceber a importância da relação entre a teoria e a prática. A partir dos escritos pudemos ver o Museu como local de memória que pode ser utilizado na composição de uma aula dinâmica. Dessa maneira o graduando consegue aprender o que ele só tem acesso na teoria. É o caso de achados arqueológicos que contam toda uma história de uma nação, tento em vista que boa parte do que eles conhecem são ofertados em forma de conteúdo em livros didáticos.

PALAVRAS CHAVES: Educação, Museu; Ensino de história.

¹ Aluna do curso de História da Universidade Regional do Cariri.- Bolsista do Programa residência pedagógica-CAPEs. ligiateotonioc@gmail.com

² Aluna do curso de História da Universidade Regional do Cariri. .- Bolsista do Programa residência pedagógica- CAPEs. Jumonteiro1221@gmail.com

³ Aluna do curso de História da Universidade Regional do Cariri – Bolsista do programa Residencia Pedagógica- CAPEs. Robertasousa332@gmail.com

⁴ Aluno do curso de História da Universidade Regional do Cariri – Bolsista do programa Residencia Pedagógica- CAPEs. Claudio20132013@live.com

⁵ Professora substituta na Universidade Regional do Cariri. monicaemanuelanm@gmail.com

Introdução

Este artigo pretende analisar o uso do museu como recurso didático para o ensino de história. O Museu analisado tem por nomenclatura Museu Histórico José de Figueiredo Filho antiga casa de câmara e cadeia. Lugar este que fica localizado na Rua Senador Pompeu, 501 localizado próximo a Praça da Sé. A antiga casa de câmara e cadeia que hoje abriga o museu Vicente Leite e o museu histórico do Crato, o prédio em si já conta uma história, razão pela qual já nos ajudaria a compor uma aula bem dinâmica para o público alvo. Este passou 10 anos fechado, voltando a funcionar no ano de 2017.

Chegamos à temática: Museu histórico do Crato como recurso didático, depois que passamos por estágio Supervisionado II, na Universidade Regional do Cariri. Após um longo período de observações percebemos a riqueza que existe naquele espaço que é desconhecido por muitos da região e que não só pode mais deve ser utilizado pelos espaços escolares. As dificuldades enfrentadas são muitas, tanto no espaço físico do Museu como na administração. As histórias acerca das coleções existentes no prédio que são contadas ao longo do percurso de visitação e apresenta o do Museu são feitas pelos próprios funcionários e muitas das peças do acervo são desconhecidas pelos mesmos.

Os desafios para levar os alunos até o museu já começa no próprio planejamento que demanda outras esferas que vão além da vontade do professor de fazer uma aula diversificada, pois demanda responsabilidade e precisa da autoriza o dos responsáveis desde os pais até a dire o da escola. Pensando assim observamos que nem todas as escolas tem a disponibilidade de fazer uma aula assim, pois demanda bem mais que a vontade. Demanda um grupo de pessoas para acompanhar os alunos, transporte, alimenta o e vários outros mecanismos que nem todas as escolas podem oferecer, por isso fazer uma aula fora do ambiente escolar requer planejamento antes da execu o.

“O museu   um ambiente educativo peculiar. Ele tem um acervo de registros selecionados da vivência sócio-histórica. Ele tem, afinal, materialidade e oportunidades de simboliza o não encontradas na escola. E   a partir de uma educa o para olhar através dessa materialidade (dispersa, contraditória, lacunar e plural) que se realiza seu papel educador, sua peculiaridade e sua potencialidade.” (SIMAM, 2007, p. 37).

Como base teórica usaremos os escritos de Jacques Le Goff, Pierre Nora, Ivo Mattozzi, Francisco Régis Lopes Ramos e José Ricardo Oriá Fernandes, para compreendermos o espaço pesquisado e termos uma noção de como trabalhar este espaço em sala de aula, e assim promovermos um ensino adequado para os educandos.

As metodologias utilizadas foram às observações, relatórios e escritos feitos sobre o ambiente de estágio. Que nos ajudaram na hora da culminação do trabalho. Relatório este que conta toda a nossa trajetória enquanto estagiarias no Museu. O estágio nos possibilitou como futuras professoras utiliza-lo como ferramenta pedagógica em sala de aula para alunos do sexto ano, uma vez que somos estagiarias na Residência pedagógica, programa da Capes. E o nosso objetivo é aliar teoria e prática nas aulas de História, mesmo com tantos desafios enfrentados ao longo da caminhada. Que foram desde a locomoção para o local até a permanência no mesmo, pois como não tinha o que fazer, e os visitantes eram quase inexistentes, a vontade de desistir era enorme.

Conhecendo e produzindo a História a partir do Museu;

Se pararmos para pensar a importância do estágio nem de longe estamos lhes dando a sua devida importância. Percebemos que seria muito complicado entrar em sala de aula sem acompanhamento nenhum e ocupando o espaço de professor. Sem ter um primeiro contato para ver a realidade de uma escola. Antes era assim, professores eram inseridos em salas numerosas e tinham que dar aula e começar a ter contato com a prática naquele momento. Agora paramos e percebemos a importância do estágio, ele nos proporciona estar em ambientes escolares e acadêmicos antes de sermos os responsáveis por eles.

Dessa maneira percebemos no estágio uma janela de contato entre a teoria e a prática em sala de aula antes de sermos inseridos no ambiente de trabalho. Pois para o estagiário se torna mais fácil conhecer a realidade antes de ser “convidado a trabalhar”. Quando se está na Universidade na teoria tudo se torna possível, são imaginadas inúmeras possibilidades que nem de perto se é realidade.

O estágio é o caminho que pode levar o acadêmico a identificar inúmeras estratégias e assim ser capaz de solucionar problemas que, muitas vezes, ele nem imaginava encontrar em sua área profissional. Passando a desenvolver mais o seu senso crítico. O estágio faz toda a diferença para aqueles que estão iniciando uma carreira.

Um grande desafio com o qual o aluno de um curso de licenciatura tem de lidar é unir prática e teoria. Se esse problema não for solucionado ou pelo menos reduzido durante a vida acadêmica do educando, essa dificuldade se refletirá na sua prática como professor. “não é frequentando um curso de graduação que o indivíduo se torna profissional. É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de práxis que o profissional se forma” (FÁVERO, 1992, P.65).

Os Museus para muitos é apenas um caminho em direção ao passado. Na verdade são muito mais que isso. Pois, podemos conhecer uma época na qual só ouvimos falar, e desta forma aprender mais do que lendo livros, por este motivo pretendemos analisar a prática pedagógica do ensino de história em museus para alunos do ensino fundamental da nossa região, para que eles saibam o quão importante é conhecer a história, por meio das coleções do museu histórico do Crato.

O museu é uma casa de criação onde se preserva a memória de uma cidade, de um país de uma pessoa, enfim é um lugar de histórias que nos faz viajar no tempo. Mas, apesar de contar histórias que já aconteceram, o museu é um local para pensarmos o presente e refletirmos sobre o nosso tempo. Uma vez que estamos no “tempo dos objetos” no passado, não muito distante, havia uma perenidade que hoje já não há: “ os objetos viam o nascimento e a morte de gerações humanas. Atualmente, são os homens que assistem ao início e ao fim dos objetos” (BAUDRILLARD, 1995, P15). Pensando nessa perspectiva, como serão os Museus futuros? Será que ainda existirão? São respostas que só o tempo dirá.

Os museus são fontes de conhecimento de um passado, que se deseja preservar, além do mais ele se torna um importante meio, para se mostrar aos alunos de forma concreta uma história, o presente artigo visa discutir a importância do potencial educativo existente nos museus, para as aulas de história, para tanto nos valeremos dos escritos de brilhantes estudiosos que são peritos no assunto, que nos proporcionam ver os museus de diferentes perspectivas, os autores são Jacques Le Goff no seu texto documento/monumento. Para Jacques Le Goff, a história, forma científica da memória coletiva – é resultado de uma construção, sendo que os materiais que a imortalizam são o documento e o monumento. Para o autor, “o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa aos historiadores”.

“Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador”. Régis Lopes no seu texto a insustentável leveza do tempo, afirma; os objetos da sociedade do consumo em aulas de história vem abordar as múltiplas relações entre o sujeito e os objetos. Compreendendo como um acesso à consciência crítica do tempo, a separação entre passado, presente e futuro. Tendo como prioridade mostrar como através do cotidiano se pode trabalhar essas relações de sociedade de consumo e memória dos objetos com o ensino de história, uma vez que vivemos em tempos em que tudo é passageiro e quase nenhum objeto tem significado com relação à História.

Estamos em um tempo que o que prevalece é o consumismo e se os objetos que não se adequam as mudanças são descartados rapidamente. E nesta perspectiva temos exemplos vivo dos museus que são resistentes a esta premissa apresentada por Régis Lopes. José Ricardo Oriá Fernandes trata em seu texto Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades, a diversidade cultural existente nas escolas e como estes são vistos e percebidos nos ambientes escolares, já que ela é pautada em uma cultura eurocêntrica, que desconsidera as minorias em currículos e desta forma vem a prejudicar a grande maioria.

Podemos pensar neste sentido, o mais correto seria falarmos em “culturas brasileiras” ao invés de “cultura brasileira”, dada a pluralidade étnica que contribui para sua formação, nesta perspectiva, temos que falar que a influência marcante da cultura de matriz europeia por força da colonização ibérica em nosso país. A cultura tida como dominante não conseguiu, de todo, apagar as culturas indígenas e africanas, o colonizador europeu foi influenciado pela riqueza da pluralidade cultural de índios e negros. No entanto, o modelo de organização implantado pelos portugueses é predominante no campo da educação e da cultura.

Em tempos que vivemos na “sociedade de consumo”, no qual tudo é descartável, os Museus se fazem extremamente necessários uma vez que os mesmos são instrumentos de preservação da memória cultural de um povo, e são responsáveis por seu patrimônio material ou imaterial. Será abordada a relação entre: histórica/ patrimônio/estágio no qual, será relatado justamente essa relação através das experiências e observações realizadas no Museu. Experiências essas que nos possibilitou enxergar o local de outra maneira, diferente de quem está fora.

A nossa percepção se constitui por outros parâmetros e detecta a relação do Museu como algo histórico e a relação como patrimônio e quais são as dificuldades que o local passa diariamente, que pudemos observar durante o estágio. E que mesmo o Museu sendo um

patrimônio histórico tombado em âmbito municipal e estadual e que deveria receber cuidado por parte dos órgãos públicos não é bem o que acontece, pois o mesmo encontra-se em um estado de calamidade enorme, no qual o descaso é perceptível sem precisar de muito esforço.

Fomos estagiárias no Museu histórico José de Figueiredo Filho, localizado próximo a Praça da Sé, na cidade de Crato. Ele fica onde era a antiga casa de câmara e cadeia da cidade. Hoje temos o funcionaste de apenas o Museu histórico que se encontra no térreo, uma vez que o primeiro andar está deteriorado tanto pelo tempo como pela ação direta do homem. Uma observação feita logo de imediato é que todos os dias passam milhares de pessoas pelo mesmo e desconhecem a sua existência. É devastador ver que as pessoas desconhecem a sua história e a riqueza que há em sua cidade. O prédio do Museu por si só já contém uma história, está de superação e resistência ao tempo, que modéstia parte não lhe favorece em nada, uma vez que o descaso dos responsáveis pelo mesmo é gigantesco. Preservar a história e a memória do ser humano sempre foi um grande desafio. O Museu é um lugar de conexão entre passado, presente e futuro, pois olhar o passado é conhecer o que foi feito para aprimorar mecanismos que podem influenciar o presente.

Outro ponto relevante para o presente trabalho, é a reforma interminável do prédio, que compromete ainda mais a experiência museológica dos alunos, pois as poucas obras do Museu Vicente Leite, o número é reduzindo, pois as outras obras deixam de contar sua parte da história, história esta que por meio das imagens traduzem um lado que a parte do Museu histórico não consegue abarcar sozinho, visto que a linguagem plástica surte um efeito mais razoável.

Desta forma podemos perceber que os desafios enfrentados pelo Museu vão muito além de seu acervo, a estrutura do mesmo está sendo desterrada pela ação do tempo e do próprio homem, para compreensão do que seja isto na prática vamos aliar teoria e prática, prática está que tivemos a oportunidade de vivenciar neste lugar, e ver no dia-a-dia tudo aquilo que nos era reportado.

A sociedade cratense se julga como sendo o celeiro da cultura, no entanto quando nos atemos para tal premissa verificamos que é um pouco equivocada tal denominação, pois a experiência museológica que temos na região é um pouco falha milimetricamente pensada com o que temos em mãos fica impossibilitado.

A realidade da tensão não implica, porém um retorno ou resgate das velhas e conhecidas metáforas especiais e das interpretações ou “explicações” delas

outrora derivadas. Aliás, seria agora praticamente impossível conceber este retorno, pois, com o emergir da “história vista de baixo” da “história da cultura popular”, a alusão ao “lugar” passou a ser sobretudo a própria condição da crítica das formas mais tradicionais tanto de se escrever a história quanto de conceber o cultural. Ficou então problemático reproduzir a cultura ou cultural a ideologia ou, o que vem a dar o mesmo, situa-la na chamada superestrutura. O estudo das práticas culturais ampliou-se consideravelmente, abarcando tanto as atividades subjacentes a vida cotidiana como a chamada cultura material (...)”os métodos quantitativos podem até transforma-se em coluna vertebral da nova história cultural; mas não podem mostrar-nos o passado em carne e osso”(...)(FALCON,2002 pp88-89)

Nesta passagem podemos verificar o grande leque de possibilidades que esta vertente da história nos possibilita, ver o nosso objeto de pesquisa de vários ângulos, pois sabemos que de acordo com a lei número 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o estatuto do museu, “consideram-se museus, para os efeitos desta lei, as instituições sem fins lucrativos, que conservam, investigam, comunicam, estudam e pesquisam e está a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”. Tal premissa faz nos lembrar de Jacques Le Goff:

O que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam a ciência do passado e do tempo que passa, os historiador, estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, heranças do passado, e os documentos, escolha do historiador (p.553.1996)

Le Goff desenvolve uma reflexão sobre estes dois tipos de materiais, seus usos e sua legitimidade. Em princípio, o monumento era visto como um material historiográfico de valor contestável, sendo caracterizado pelo “poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas por meio de testemunhos, em sua maioria não escritos. Já o documento, testemunho essencialmente escrito, possuía mais legitimidade por ser relacionado à “neutralidade”, o que o consolidou, inclusive, como prova jurídica ao longo dos tempos. Acrescenta-se a revolução que a escola dos Annales, proporcionou no campo de humanas na qual estes ampliaram a noção de documento. O historiador tem o dom de dar voz aqueles que foram esquecidos como é o caso do escritor Carlo Ginzburg no seus livros: O queijo e os vermes e o andarilho do bem no qual ele vai narrar histórias do tempo da inquisição. Um novo

olhar para aqueles documentos se foi dado com maestria. Além disto, Le Goff escreve, devemos dar importância e valorizar todo material histórico como documento independente do registro escrito, daí levar em consideração os vestígios da cultura material, a coleção que se encontram no Museu Histórico José de Figueiredo Filho, no qual podemos citar a coleção dos Índios Cariri, que foram encontradas nas escavações da Praça da Sé, os tipos de habitação, a paisagem, os fósseis e em particular os vestígios ósseos dos animais e do homem.

Porém sabemos que a experiência museológica é extremamente pobre, visto que os museus fora da nossa região é diferente, da que somos habituados, convém mencionar que a região se autodenomina celeiro da cultura, está que não promove de fato o ensino de História, a partir dos vestígios disponíveis, visto que a aprendizagem via museu é feita pelos cinco sentidos e aqui no Crato não ensinamos desta maneira. Podemos tomar como exemplo o museu de Luiz Gonzaga em Pernambuco, que a experiência de fato foi riquíssima, pois os visitantes podem ter a experiência dos cinco sentidos, e desta forma quando trazemos isto para o ensino de história se torna satisfatório, no entanto no museu do Crato, não ocorre está troca e desta forma torna-se inviável a troca de conhecimentos, tão almejada para turmas dos ensino fundamental da região.

Além disto, temos que salientar que com a definição dada por inúmeros pesquisadores da área, dentre eles Darlan Reis não podemos classificar o museu do Crato como tal, pois ele estaria mais para várias coleções daquilo que as famílias renomadas da região querem preservar ou pessoas que tenham algum vínculo com os administradores dos museus. Nós no estágio constatamos essa observação, verificamos que há várias peças dos Índios Cariri, ossos de animais que viveram na era em que a região era mar. Outro fato que temos que pontuar é o fato de não haver uma cronologia das peças do museu que de fato promova a aprendizagem, no entanto na visita ao museu do Gonzagão podemos sim perceber de fato esta diferença entre os mesmos, e além do mais podemos ver que a comunidade cratense não dar o devido valor, visto que ela está na era do consumo como diz Régis Lopes.

Está é uma circunstancia real que assola esse e outros museus, o descaso que as autoridades tem para com lugares de memória. Outro fato que envolve o museu do Crato é a sua reforma que vem se arrasando por longos doze anos e este é mais uma das prerrogativas que assolam e que dificulta a interação público / acervo / ensino, mesmo que este não esteja em linha cronológica e até ao ponto de perder o status de museu para cair em meras coleções, não tira o mérito de ele ser um lugar de memória, que conta uma história local para seus visitantes, que ajuda compor uma aula sobre um passado que muitos deles desconhecem. Pois

sendo este um lugar de memória, temos a possibilidade de trazer um história que sirva como base na construção cidadã do educando.

Outro ponto relevante a ser tocado no presente artigo é que mesmo o museu, sendo um lugar de memória da cidade do Crato temos que levar em conta as falhas que o mesmo tem que enfrentar diariamente, mesmo o edifício sendo um patrimônio cultural, a população não dar o devido valor, as peças contidas em seu acervo estão em inúmeras coleções, que guardam sua história, história esta que deve ser contada tanto para alunos da cidade como para indivíduos que moram na região, desta maneira as aulas de história seriam mais atrativas, pois estaríamos fazendo uma aula que contribuísse na construção da base cidadã e histórica dos alunos.

No entanto as barreiras para tal proposta são visíveis em todos os momentos, pois quando se pretende visitar o museu do Crato, o professor necessita de um planejamento prévio, que deve ter inúmeras portas de saída, no entanto o museu em questão não possibilita uma ensino com os cinco sentidos, pois aos alunos visitantes ficam restritos a ver as peças, que são apresentadas de forma precária visto, pois na leitura de Circe Bittencourt os objetos que compõem a cultura material são portadores de informações sobre costumes, técnicas, condições econômicas, ritos e crenças de nossos antepassados. Tudo isto podemos perceber nas coleções do Museu do Crato e que não são trabalhadas de uma forma didática para melhor compreensão dos educandos da região, além disto temos que ter em mente o modo de como trabalhar dadas coleções, para que tenhamos um ensino efetivo e que tenha significado para cada aluno, pois cada um conhece o mundo de uma forma diferente, que o trabalho ajude a compreender que eles fazem história a todo momento.

É comum encontrarmos crianças e jovens em museus, acompanhados de professores, percorrendo as salas onde estão expostos variados objetos em vitrines com ilustração atrativa. Uma atividade educativa dessa natureza é sempre bem-vinda, mas para quem dela participa sempre fica a indagação sobre o que efetivamente se aprende nessa visitas, que demandam preparação e envolvimento dos docentes e da comunidade escolar. (BITTENCOURT, Circe, 2004 p. 327 - 407.)

Nesta passagem podemos perceber que quando o professor adota o museu como fonte ou documento para estudar a História local ele deve organizar previamente seu trabalho, que

objetivo quer alcançar, fazer com que os alunos iniciem a educação histórica orientada pelo professor, pois o docente é aquele que possibilita o aprendizado aos alunos.

Identificamos que o potencial educativo do Museu é riquíssimo, o que proporciona ao professor construir um roteiro para promover o aprendizado que vá além da visão parcial do acervo, que pode incentivar as crianças a apropriação do conhecimento histórico. Pois “a cópia frenética das legendas e painéis sem uma compreensão real do significado dos objetos expostos” (Hirata, 1985, p. 12-13) mesmo vivenciando na nossa região, especificamente no museu do Crato, no qual aos estudantes/visitantes resta apenas ver as peças sem ao menos ter a possibilidade de pegar, pois isto é contra a norma do local, as dificuldades que o professor encontra no edifício são inúmeras, no entanto a equipe do museu tenta amenizar um pouco as várias deficiências do local, um fato que vale a pena salientar é que o quadro de funcionários do ambiente não é qualificado para trabalhar, as formações necessárias inexistem, não tem apoio da sociedade como um todo, pois como nos diz Armando Rafael, o povo cratense tem vergonha de seu passado, e tenta a todo custo desfazê-lo.

Além disso, outro ponto que merece destaque é a conexão na qual o professor tem que promover entre passado e presente, e ele vai ser a ponte que irá despertar a curiosidade dos alunos, para que a partir daí eles possam conhecer a história da sua região pelo acervo existente no museu histórico do Crato, no ambiente da sala de aula o professor pode fazer uma ponte na qual o percurso final será o museu, no qual teremos a personificação de tudo aquilo que foi exposto em sala de aula. Sabemos das barreiras que enfrenta o local que vão desde a estrutura física até a metodologia de mostrar seu acervo que deixa muito a desejar, na qual a Circe Bittencourt nos mostra que no momento que tomamos o museu como fonte de estudo, recurso didático estamos abrindo um novo mundo para os alunos que vale a pena todo o percurso que o professor tem que enfrentar para trazer este novo mundo para seus educandos.

Considerações Finais

Com o que foi exposto, podemos chegar a várias conclusões, sobre o Museu como recurso didático mesmo tendo vários desafios acerca do espaço para comportar essas aulas, no entanto podemos verificar as possibilidades que o mesmo têm, como um complemento na aprendizagem dos alunos sobre um passado que eles desconhecem, pois o museu é um lugar de memória que pode auxiliar na aprendizagem efetiva dos alunos, na qual iremos aliar estudos didáticos da sala, a aula prática museológica, na qual está é válida na região, pois desconsiderar os cinco sentidos que tem que ser utilizado para uma experiência ampla para

todos os envolvidos. Mesmo tendo desafios que podem ser superadas desde que aliados aos pares que podem valer-se deste lugar de memória para podermos ter um espaço de construção histórica que contribua na aprendizagem tanto dos alunos da região, quanto os visitantes que vem até o local em busca de conhecimento de uma história que o local e o acervo guarda com ele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Entrevistas orais:

Historiador: Armando Rafael – 72 anos; entrevistado em 06/05/2018.

Memorialista: Humberto Cabral –82 anos; entrevistado em 22/04/2018;

Relatórios de Estágio supervisionado II- 2018

Referencial

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**: São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2005.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004 p. 327

FALCON, Francisco José Calazans. **história e história cultural. Uma nova visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de janeiro: Campus, 2002.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MATTOZZI, Ivo. **Currículo de história e educação para o patrimônio**. Educ.rev.2008, n.47.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo; PUC-SP. N°10.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A insustentável leveza do tempo: os objetos da sociedade de consumo em aulas de história**. Educação em revista (UFMG) Belo Horizonte v.47, 2008.